

AS TRANSFORMAÇÕES NO CALÇADÃO DE LONDRINA: ELEMENTOS PARA A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE

TRANSFORMATIONS ON THE PEDESTRIAN ZONE OF LONDRINA: ELEMENTS FOR THE CONSTRUCTION OF IDENTITY.

Silvana Muniz Guedes¹

RESUMO: O presente artigo é resultante das ações do projeto *A lente capta o que o coração sente: permanências e transformações no patrimônio arquitetônico da cidade de Londrina*, e aborda as principais transformações em um lugar específico da cidade de Londrina: o calçadão. Entende-se que o estudo deste, a partir de análise de fontes, é temática significativa para o ensino de História no Ensino Fundamental. Utilizaram-se fontes orais, escritas e imagéticas como relatos de jornais, além de pesquisas bibliográficas. Traçando uma linha do tempo sobre os impactos sociais causados em cada transformação do calçadão, o objetivo é realizar reflexões e elaborar material didático a partir do resgate histórico sobre o lugar em questão tendo por linha narrativa as reformas realizadas no espaço em questão. No ano de 2011, durante a retirada do piso, uma parte do passado esquecida por alguns e não vista por outros se tornou presente: os desenhos de ramos de café que enfeitavam a praça Gabriel Martins na década de 1970. Apresentamos os resultados das pesquisas bibliográficas assim como de entrevistas realizadas. Relatamos de forma breve as ações a serem realizadas e que culminarão com a produção de material didático a ser disponibilizado para as escolas (fase posterior do projeto).

Palavras-Chaves: Ensino de História. Memória. Patrimônio histórico. Identidades.

ABSTRACT: This article is the result of the project actions, which is called *"The lens captures what the heart feels: continuities and transformations in the architectural heritage of the city of Londrina*, and addresses the major transformations in a specific place in the city of Londrina: the pedestrian zone. It is understood that the study of the pedestrian zone, based on analysis of sources, is a significant issue for the teaching of History in Elementary Education. To compose the analyzes presented here was used oral and written sources and also images were used, as newspaper accounts, and bibliographic searches. Tracing a timeline about the social impacts on the pedestrian zone in each transformation of it, the goal is to make reflections and prepare teaching materials from the historical recovery of the place in question, having as the storyline the reforms in the space. In 2011, during the removal of the floor, a piece of the past forgotten by some and not seen by others became present: the drawings of coffee branches that adorned the square Gabriel Martins in the 1970s.

¹ Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual de Londrina. Bolsista PIBID/CAPES.

Keywords: Teaching of History. Memory. Historical Heritage. Identities.

Introdução

Os primeiros registros de calçada ou ruas de pedestres que se tem conhecimento são de 1951, na Alemanha. Na Europa, lentamente, foram surgindo mais ruas com estas características. Entretanto, foi a partir da década de 1970, com o aumento da frota automotiva, que o conflito entre pedestre e veículo intensificou-se, impulsionando a criação de inúmeras ruas de pedestres pelo mundo que passaram a integrar as espacialidades urbanas.

No fim da década de 1960, o Brasil passou por um período de revitalização urbana embasado em objetivos inovadores quanto à construção das identidades históricas e culturais. Buscando respeitá-las e criando um projeto com características locais, Curitiba foi pioneira na criação das ruas de pedestres transformando a rua XV de Novembro, na primeira rua de pedestres do Brasil, que passou a ser conhecida como "Rua das Flores". Na mesma linha de Curitiba, Londrina, localizada no norte do estado do Paraná, na década de 1970, também implementou o projeto da rua de pedestre na principal rua do centro da cidade: a Avenida Paraná.

Neste texto buscamos conhecer fatos relacionados à construção e reformas do calçada ao longo do período de 1970 a 2011. O mote para tal pesquisa deu-se no ano de 2011 quando, em meio à retirada do piso de *petit pavée*, reencontramos parte do passado da cidade representada nas flores coloridas pintadas no cimento. O que representavam tais flores? Compunham que tipo de cenário?

Naquele contexto, por dois dias, esse pedacinho do passado ficou exposto ladeado por uma frágil rede causando um movimento diferente naquele espaço: alguns lembravam outros conheciam pela primeira vez tais desenhos. Enquanto planejávamos para levar os alunos para uma visita ao lugar, as flores foram "arrancadas" e prosseguiu-se com a reforma do calçada. Ficamos sem o elo palpável com o passado, sem o disparador de memória que é tão caro ao trabalho com a história com crianças.

Restou-nos puxar o fio da história e pesquisar sobre as tais flores

principalmente por meio das memórias dos envolvidos e reportagens de jornais para montagem de material didático a ser utilizado no trabalho com o ensino de história nos Anos Iniciais. O vento da modernidade varreu as flores. Poderiam ter ficado: um pedacinho do passado guardado em meio ao paver que cobriu o solo. Ao seu redor, talvez, um senhor lembrando os passeios que fez pela praça, contaria ao jovem que, aleatoriamente está ao seu lado, a Londrina representada naquelas flores.

O texto se compõe de uma retomada sobre a ideia de rua de pedestre no cenário mundial; aborda as características desse processo de urbanização no Brasil e em especial na cidade de Londrina; apresenta o autor e o que representava tais flores e avança no sentido de compreendermos o calçadão como espaço constituidor de identidades. Trata-se de uma pesquisa em andamento.

Calçadão ou rua de pedestres

Gosling e Maitlanda (apud Januzzi, 2006) explicam que a criação de ruas de pedestres no centro das cidades foi parte de uma estratégia maior para equilibrar mudanças que incluíam rupturas no tráfego de veículos e alterações nas relações comerciais, principalmente as vinculadas ao ato de comprar.

Em sua tese de doutorado, Januzzi (2006) aponta que, em diversos projetos, as ruas de pedestres ocuparam a principal rua de comércio das cidades. O conceito da rua de pedestre é propor um lugar agradável para as pessoas favorecendo a interação social nos espaços fomentando as ações de caminhar, conversar, sentar e brincar. Tal espaço é complementado por atividades promocionais como espetáculos, feiras, comícios e desfiles considerando a diversidade quanto às diferentes faixas etária e quanto aos portadores de deficiências.

É fato que, na maioria das vezes, a iniciativa de ser criar uma rua de pedestres esta relacionada com as atividades comerciais e o objetivo é atrair clientes e favorecer o ato de comprar. Um dos principais objetivos dos

comerciantes é proporcionar ótimas condições de consumo, diversificando oferta de mercadorias e serviços, a criação de um ambiente agradável e de atrativos voltados para o público. Tais medidas intentam obter maior satisfação dos usuários e resultar em rentabilidade aos investidores. De certa forma, pode-se inferir que as “ruas de pedestres” são as precursoras dos *shoppings centers*.

As ruas de pedestres no Brasil

Com o crescimento da população e a popularização do automóvel, a mobilidade e deslocamentos no centro das principais cidades brasileiras tornou-se cada vez mais difícil, uma vez que ruas e calçadas não foram preparadas para suportar a demanda de pessoas e veículos. Esse fato contribuiu, em parte, para criação das ruas de pedestres – calçadão, que foram construídas de forma intensiva no Brasil, configurando-se na década de 1970, praticamente como um modismo político.

No Brasil, como em outros países, os calçadões possuem certas características que conferem unidade aos projetos: são fechados para veículos, exceto para o acesso dos moradores, dos serviços de emergência e de carga e descarga em horários especiais; o piso costuma receber um revestimento especial, em geral com pedras formando desenhos geométricos para diferenciar tal espaço das demais ruas e outros ambientes da cidade.

O calçadão da Rua XV de Novembro em Curitiba tornou-se uma rua de pedestres importante tanto para o comércio, para a história da cidade e como referência para a construção de outros espaços semelhantes no país. Na rua foi adicionado o piso de *petit-pavée*, um novo mobiliário urbano e realizadas algumas ações de despoluição visual. O projeto incluiu também a restauração de antigos edifícios e o funcionamento de feiras de artesanato, culminando ulminou com o fato de que o local transformou-se, ao longo do tempo, em um importante ponto da cidade. Este feito foi fortemente divulgado e repetido em diversas cidades do Brasil como São Paulo, Rio de

Janeiro, Florianópolis, Londrina, Juiz de Fora, Bauru, Ponta Grossa e outras cidades brasileiras.

Calçadão de Londrina

Na malha criada para a cidade de Londrina, na década de 1930 (Fig. 1), o eixo central foi projetado em torno da igreja matriz ladeada de ruas, bosques e quatro praças, denominadas posteriormente de praças: Gabriel Martins, Sete de Setembro, Willie Davis e Primeiro de Maio.

A partir do fim da Segunda Guerra Mundial, Londrina adentra em um período de crescimento populacional e enriquecimento. A Avenida Paraná, localizada no centro, foi se constituindo como uma das principais ruas comerciais da cidade. Tratava-se também da principal via de ligação entre as cidades de Cambe – Londrina – Jataizinho (Jornal Folha de Londrina, 21 de agosto de 2005).

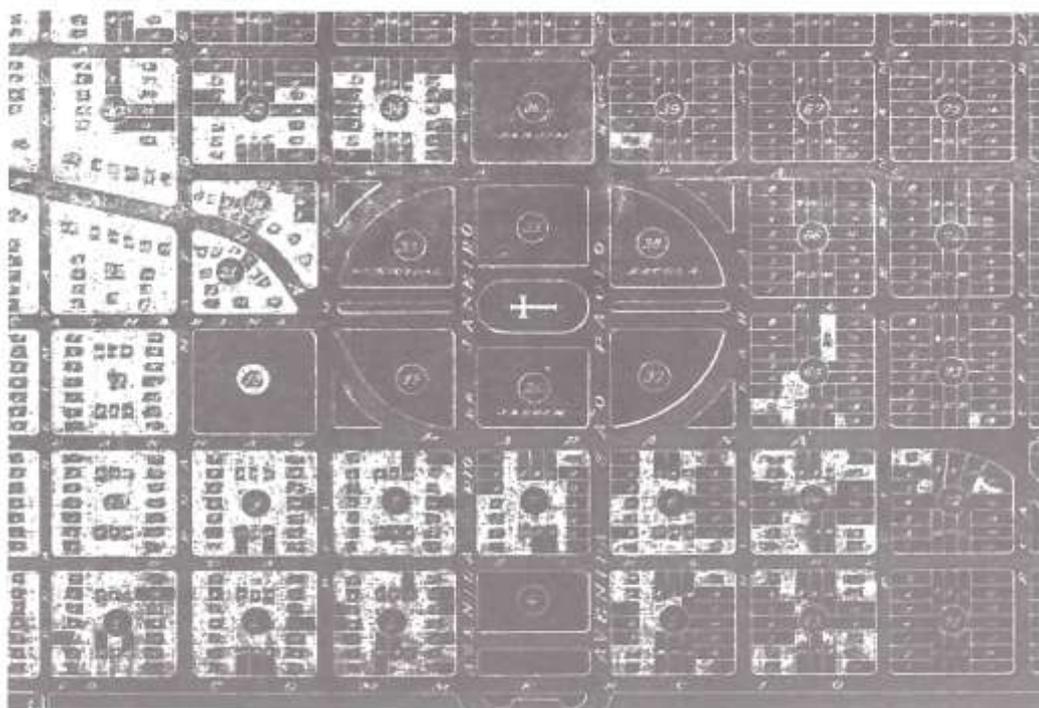


Figura 1: Planta inicial de Londrina de autoria de Alexandre Razgulaeff

(1932).²

Após a pavimentação, na década de 1950, tal espaço transformou-se no ponto de encontro de pessoas para passeios, compras, conversas, intensificando o *footing* naquele local (YAMAKI, 2006). Paralelamente, conforme se consolidava como principal ponto de passeio e referências da cidade, intensificava-se o fluxo de veículos e pedestres pela Avenida Paraná.

Londrina, nos anos de 1950, emergiu no cenário nacional como importante cidade do interior do Brasil. Neste período, apresentou considerada expansão urbana em razão da produção cafeeira no norte do Paraná. Nesta década a população passou de 20.000 para 75.000 habitantes, sendo que quase metade encontrava-se na área rural. Na década de 1970, a população atingiu a casa dos 230.000 habitantes (<http://www.londrina.pr.gov.br>) e esse crescimento populacional e econômico demandou transformações, principalmente no centro da cidade.

Foi neste contexto que o então prefeito da época, Antonio Casemiro Belinatti, juntamente com outros representantes, iniciaram o projeto para a criação de uma rua de pedestre. O projeto seria desenvolvido no espaço ocupado pelas quatro praças (Gabriel Martins, Willie Davis, Primeiro de Maio e Sete de Setembro), tendo como modelo o calçadão de Curitiba, capital do Paraná. O intuito era tirar o fluxo de veículos do anel central e dar espaço a população circular livremente, conforme consta na reportagem do jornal Folha de Londrina: “a Prefeitura queria modernizar o centro [...] havia a necessidade de reorganizar o sistema de circulação do anel central privilegiando o comércio e o lazer.” (29/08/2003, p.3)

Sendo assim, no final da década de 1970, o centro da cidade teve uma grande modificação, com a implantação do Calçadão. O projeto foi apresentado à imprensa em 31 de maio de 1977, e divulgado em matéria na Folha de Londrina (Fig. 2):

² Fonte: YAMAKI (2006, p.9)



Figura 2: Reprodução Fotográfica – Folha de Londrina, 31/05/1977.³

O centro de Londrina passará por uma reurbanização quase completa, segundo o projeto apresentado ontem pelo prefeito Antonio Belinatti e outras autoridades à imprensa, pelo arquiteto Jaime Lerner e sua equipe, que vieram especialmente para este fim. (...) Será criada a "rua de pedestres", ao tempo em que passarão por completa transformação as praças Primeiro de Maio, Willie Davis e Marechal Floriano, bem com as áreas adjacentes ao Bosque. (...) A urbanização compreenderá áreas de lazer, como quiosques, bares, sorveterias, telefones, bancas de revistas, palco para "roda de musica", abrigos para comercialização artesanal, teatrinho para crianças (...) ao tempo em que se estabelecerá mudanças no sistema viário, afastando da área central o automóvel (Jornal Folha de Londrina, 31 de maio de 1977).

No entanto, houve grande polêmica após o anúncio do projeto. Os comerciantes eram contra a obra, alegando que "perderiam clientes", pois estes teriam que estacionar seus veículos longe das lojas, dificultando o acesso às mesmas. Apesar das polêmicas, o calçadão foi construído.

O desenho original do piso em pedra portuguesa petit-pavée, do arquiteto Hely Bretas Barros, possuía o contraste entre o preto e branco, em formas geométricas, resultando em um efeito plástico de luz e sombra.

³ Fonte: acervo da Biblioteca Municipal de Londrina

O projeto das praças

Antes destes feitos quanto a criação do calçadão, houve uma tentativa de modernização das quatro praças centrais de Londrina uma vez que as praças serviam apenas como áreas verdes. O objetivo era tornar esses espaços um ponto de maior concentração popular, inserindo equipamentos que permitissem atividades comunitárias.

A ideia inicial era destinar exclusivamente aos pedestres trechos fronteiras entre as praças: Gabriel Martins, Willie Davis, Primeiro de Maio e Sete de Setembro. Nesses locais seriam implantados bancas com informações turísticas, exposições artísticas e lanchonetes (Folha de Londrina, 26/03/1975).

O arquiteto grego Panayote Saridakis, coordenador do projeto, selecionou a Praça Gabriel Martins, para a primeira implantação do plano de reurbanização do centro. Yamaki (2006, p. 46) em seu livro Labirinto de Memórias confirma esta informação ao afirmar que esta praça tinha uma conotação comercial forte, o que viria a contribuir, e muito, para o progresso da cidade.

Sendo assim, o então prefeito de Londrina, José Richa, aprovou um projeto para modernização da praça. De autoria do arquiteto grego Panayote Saridakis, conhecido Takis, o projeto teve por intenção homenagear o título de Londrina, então conhecida como a "capital do café". Foram feitos "desenhos de ramos, flores e grãos de pé de café que seriam implantados na praça com placas de cimento coloridas com pigmentos (...) placas de cimentos por causa da durabilidade..." (Entrevista realizada em 2012)

Em entrevista, o Sr. Takis destaca que o projeto foi apresentado a administração e obteve aprovação de todos. Porém, houve rejeição por parte dos comerciantes que tinham o costume de deixar seus automóveis estacionados por ali, em especial os taxistas que eram contrários ao fechamento das ruas no contorno da Praça Gabriel Martins. Sr. Takis, juntamente com os engenheiros de obras, reuniu os funcionários e, apesar

da resistência de alguns, em uma manhã iniciaram os trabalhos.

A reclamação dos comerciantes e taxistas foi diminuindo com o tempo e, quando perceberam que as alterações atraíam mais público para o espaço, potencializando o comércio, começaram a gostar da “modernização”.

Esta reforma incluiu a modificação do piso, instalação de alguns itens de decoração e iluminação, como bancos, floreiras, play ground, quiosques, dentre outros. As placas com os desenhos foram então instaladas na Praça Gabriel Martins e a rua que contornava o famoso cinema Cine Augustos foi fechada transformando-a em praça.

Segundo o Sr. Takis, a população recebeu com orgulho os desenhos, pois deu “um ar” de alegria ao centro da cidade. A prefeitura considerou “bem sucedida a reurbanização da Gabriel Martins.” (Folha de Londrina, dez. 1976) e que este feito serviria de exemplo para obras em outras praças no centro da cidade.

Na pesquisa realizada em jornais, até a fase atual da pesquisa, não encontramos fotos da reforma, tampouco da inauguração da obra. O primeiro registro iconográfico nos jornais (Fig. 3) sobre essas flores aparece em uma propaganda de lojas convidando a população para visitar a Praça Gabriel Martins.

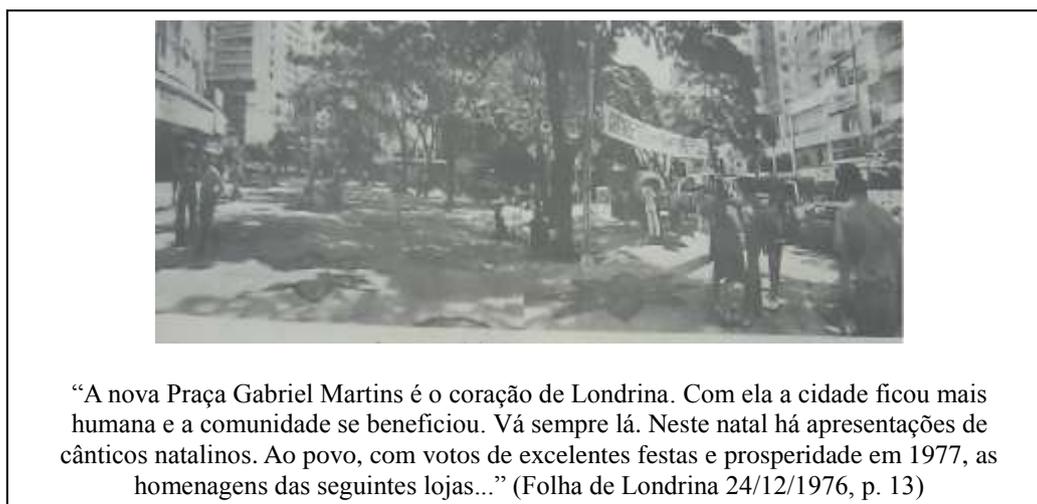


Figura 3 - Reprodução Fotográfica.⁴

⁴ Fonte: Folha de Londrina, 24/12/1976. Acervo da Biblioteca Municipal de Londrina.

Identifica-se esta como a primeira ação que impulsionou a modernização no centro da cidade de Londrina. No ano seguinte iniciou-se a construção do calçadão e, nas décadas seguintes, várias reformas foram realizadas sepultando as “flores do calçadão” e as memórias sobre as mesmas.

Durante a reforma em 2011, no trecho da Praça Gabriel Martins um fato chamou a atenção de muitas pessoas que passavam por lá: as flores da década de 1970 “brotaram” do passado (Fig. 4).



Obras no Calçadão revelam parte da história de Londrina

Ao retirar o petit pavê da Praça Gabriel Martins, operários descobrem o antigo piso com placas coloridas

A terceira etapa da remodelação do Calçadão, realizada no trecho compreendido entre a Rua Professor João Cândido e Avenida São Paulo, trouxe à tona uma parte esquecida da história de um dos maiores cartões postais de Londrina. Na retirada do petit pavê que cobria o trecho, os operários da Visatec –responsável pela obra – encontraram um dos pisos que revestiam a Praça Gabriel Martins, originalmente localizada naquela área.

O piso de cimento com placas coloridas em formato de flores foi aplicado no piso da praça na década de 1970, na gestão do então prefeito José Richa e recoberto pelo projeto arquitetônico do calçadão, de autoria do arquiteto, urbanista e ex-governador Jaime Lerner, em 1977. Segundo o engenheiro aposentado da Prefeitura Rodolfo Horner, Richa queria modernizar a praça, que já estava prevista na planta original da cidade, elaborada pela Companhia de Terras Norte do Paraná. “Foi contratado um arquiteto grego, que projetou a aplicação destas placas de cimento. E causou polêmica, porque a maioria da população não gostou”, disse.

A modernização programada por Richa acabou com o estilo tradicional da praça – idêntico à de outra também escondida pelo calçadão, a Willie Davis, localizada em frente ao Cine Ouro Verde. De acordo com o urbanista e professor da UEL Humberto Yamaki, as duas tinham traçado em forma de triângulo com três eixos formando os jardins. “O piso era de petit pavê e datava do final da década de 1940. O mesmo desenho estava aplicado na calçada em frente ao Centro de Saúde, na esquina da Rua Souza Naves”, explica. Em seu livro “Labirinto da Memória – Paisagens de Londrina”, Yamaki diz que a Praça Gabriel Martins é posterior à Willie Davis, mas os dois projetos incorporam um tridente ou “patte d’oie”, “uma linguagem que foi insistentemente utilizada pela Companhia de Terras nos projetos dos patrimônios, dando estrutura aos planos”.

No livro, Yamaki diz que o desenho original do petit pavê das praças apresenta motivos geométricos em onda e pinheiros estilizados.

Figura 4 – Adaptação reportagem Jornal de Londrina.⁵

⁵ Reportagem de Telma Elorza. Disponível em <http://www.jornaldelondrina.com.br/mundo/conteudo.phtml?id=1155032>.

Tratava-se das placas de cimento no formato de flores instaladas há mais de 30 anos no local. Esse “achado arqueológico”, considerando que a cidade tem menos de 80 anos, foi o mote para a pesquisa que deu origem a esse texto e as investigações que culminarão com a produção de material didático para aulas de história nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Seleção de fontes: etapa importante para o ensino de história nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

O professor que trabalha com o ensino de história nos Anos Iniciais tem como maior desafio realizar o levantamento de fontes para desenvolvimento de uma abordagem em sala de aula ancorada na exploração e construção de inferências sobre as mesmas. Nem sempre há produção historiográfica sobre as temáticas que se pretende estudar com os alunos, mesmo porque a relação com o cotidiano, com a realidade é um pressuposto a ser considerado quanto se intenta levar a criança a compreender que o conhecimento histórico é um saber indispensável para compreendermos as ações da vida prática.

Conforme Oliveira:

A finalidade última do ensino de história com crianças dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental deve ser o desenvolvimento do pensamento histórico. Uma proposta com esse objetivo deve ter como base à epistemologia da História, entendida como as formas de investigação que tornam um estudo histórico diferente de outras abordagens do conhecimento. Para isso, considera-se fundamental que na proposta metodológica estejam contemplados: o trabalho com as fontes (...), a constante relação entre o passado e o presente, condição teórica elementar para o estudo da História, não no sentido de constatação de “como era” e “como é”, mas no intuito de analisar os porquês das permanências e transformações, e o trabalho com as diferentes temporalidades (OLIVEIRA, 2009, p. 124)

Consideramos que estudar o processo de transformação do calçadão da cidade tendo como elemento disparador da memória as “flores descobertas” embaixo do piso de *petit pavée*, possibilitaria um trabalho

investigativo em torno de inferências sobre diferentes fontes e, a partir dessas inferências desencadearem relações plausíveis entre o passado, presente e o futuro, pois,

Um procedimento metodológico pautado no trabalho a partir da inferência sobre as fontes contribui para pensarmos o outro ponto que destacamos: a relação entre o passado e o presente. O ensino de História, com crianças, não pode ser baseado na simples apresentação do passado, explicando como era e como é. É importante criar situações nas quais o sujeito seja impelido a compreender o porquê, as causas e as consequências nos processos de transformação e permanência entre o passado e o presente e, principalmente, que o leve a compreender que são as indagações do presente que nos levam a indagar o passado (OLIVEIRA, 2009, p. 126)

O processo de pesquisa foi lento devido a não existência de registros sobre o fato. De certa forma, em linhas gerais, não se deu muita importância ao “achado arquitetônico” que reviva a memória da cidade em torno de seu processo de urbanização. Dois dias depois, posterior, prosseguiu-se com a reforma removendo o piso da década de 1970 transformando-o em entulho de construção.

Mapeando as informações da matéria publicada no jornal de Londrina em agosto de 2011 (apresentada anteriormente nesse texto) localizamos e entrevistamos o Sr. Rodolfo Horner, engenheiro aposentado da Prefeitura que forneceu informações, dentre as quais o nome do arquiteto que planejou as tais flores e galhos de café na Praça Gabriel Martins, Sr. Panayote Saridakis.

O calçadão de Londrina, em 1989, expandiu-se ao longo de três quadras e transformou o modo de viver das pessoas que por lá transitam. Frequentemente é apontado na mídia como o “coração” da cidade (reportagem da RPC TV 2010). De certa forma, o espaço cumpre sua função social e cria condições de convívio propício para utilização cotidiana, passeios, compras, facilidade de locomoção ou observação da paisagem. Trata-se de um local no qual a população organiza manifestações e protestos.

Em 2011, o calçadão de Londrina passou por outra reforma

significativa como a substituição do piso *petit-pavée* (Fig. 5) pelo *paver* (Fig. 6), alterando consideravelmente a composição do lugar. Também foram reformadas as galerias para a captação de águas pluviais, substituição do mobiliário urbano, melhorias para acessibilidade, instalação da iluminação pública, entre outros itens. Retiraram-se as bancas de revistas, lanchonetes, choperias e floriculturas. Tais alterações, como nas demais reformas, geram polemicas e discussões entre populares, comerciantes e estudiosos.

Alguns aprovam, outros não. Alguns questionam a perda da identidade do calçadão como patrimônio histórico, como consta em artigo publicado na Folha de Londrina em 14 de agosto de 2011, assinado por Humberto Yamaki intitulado "Londrina deveria considerar como prioridade o tombamento do calçadão com o que resta do piso *petit pavé*". (Yamaki, apud. Jornal Folha de Londrina 14/08/2011).



Figura 5 – Perspectiva do piso em Petit Pavé, 2011.⁶

⁶ Disponível em <http://janela-londrinense.blogspot.com.br/2010/07/calcaado-saudades-ou-progresso.html>. Acesso em 25/09/2012.



Figura 6 – Perspectiva do piso em paver (2012)⁷

Também o Sr. Rodolfo Horner, engenheiro aposentado da Prefeitura Municipal de Londrina, diz que o desenho preto branco quadriculado do calçadão da cidade de Londrina esta fortemente gravado na memória dos londrinenses.

O que se pode perceber é que tentou-se fazer com o piso de paver um desenho semelhante ao do petit pavée. No entanto, apesar de possuir mais nuances de cores, o aspecto final é apagado. Ao que se demonstra, podemos inferir que houve certa preocupação em relação à preservação da identidade do calçadão, mas o resultado é, em nossa avaliação, bastante questionável.

Sobre o processo de construção do material didático e a identidade histórica

Diante do exposto e dos estudos realizados até o momento, algumas considerações podem ser feitas no que se refere a conexão entre as alterações desse espaço público importante da cidade e a constituição de identidades, conceito este tão caro ao ensino da história. Trazer essas

⁷ Disponível em <http://robertotome.blogspot.com.br/> Acesso em 25/09/2012.

fontes do passado e possibilitar aos alunos que transitem pelas memórias da cidade tendo as reformas do calçadão como cenário de fundo possibilitará uma compreensão mais adensada sobre a história da cidade a partir de diferentes vieses que entrelaçam aspectos arquitetônicos, políticos, econômicos e culturais.

Não se preservou as flores projetadas pelo Sr. Panayote Saridakis, assim como também, talvez, não se preserve o piso de petit pavée preto e branco (há indicações que parte do mesmo será mantida em frente ao Cine Teatro Ouro Verde). O que se guarda do passado para lembrar no presente é sempre escolha e responsabilidade do homem contemporâneo. Nesse sentido, selecionar como fontes imagens e textos sobre os processos de reforma do calçadão, os aspectos relacionados a esse espaço da cidade e, a partir dos mesmos elaborar materiais didáticos para que os professores possam trabalhar com essas temáticas em sala de aula, é de suma importância

Ao ensinar história para crianças nos responsabilizamos por chamar a atenção dos pequenos para a não preservação da memória, vivenciada em constantes decisões políticas em nossa cidade. O papel o educador é propiciar uma reflexão nos alunos em torno de tais questões: o que aquelas flores representavam na época? Se preservadas, o que representariam para nós? E quanto ao que resta do piso de petit pavée? Qual a importância de preservá-lo? A partir desses questionamentos e de outros, possibilita-se ao aluno o acesso a esses arquivos e a visualização da evolução deste espaço, possibilitando a construção da identidade articulada ao lugar no qual vive.

Cooper (2006) aponta que aprender sobre o passado possibilita o desenvolvimento social, emocional e cognitivo. Sendo assim, é possível que a criança a partir de seus conhecimentos fragmentados do senso comum sobre o passado, aliado ao direcionamento provocado pelo professor, possa gradativamente construir conhecimentos históricos fundamentais para a composição de sua identidade.

Para tanto, Cooper (2006) aponta que a necessidade de engajar as crianças no processo de investigação histórica, pois:

Se quisermos ajudar nossos alunos a se relacionarem ativamente com o passado, precisamos encontrar formas de ensiná-los, desde o começo, que iniciem o processo com eles e seus interesses, que envolvam uma "aprendizagem ativa" e pensamento histórico genuíno, mesmo que embrionário, de maneira crescentemente complexa. (COOPER. 2006, p.172-173)

Para se trabalhar educação histórica com as crianças Cooper (2006), nos mostra alguns parâmetros como: iniciar uma discussão sobre o tempo e as mudanças nas vidas das próprias crianças e quais implicações trouxeram, sequenciando os fatos, explicando em outras palavras a passagem do tempo; por meio de fotos, por exemplo, as do calçadão, as crianças podem fazer relações com suas vidas e com as vidas das pessoas mais próximas e também distantes.

Por esses e outros direcionamentos, planejados pelo professor, o aluno, gradativamente, aprenderá a buscar e sequenciar fontes, ampliará seu vocabulário e, a cada passo dado, fará interpretações e questionamentos diferentes acerca do passado.

Aprender sobre o passado, de acordo com Cooper (2006), por mais distante que seja, permite-nos compreender quem somos como nos relacionamos, nos comportamos e agimos, bem como permite compreender sobre os outros.

Porém para que esse aprendizado se concretiza a metodologia do professor fará toda a diferença. Para Barca (2004), o professor tem que assumir o papel de investigador, para que ele possa compreender e ajudar modificar positivamente os conceitos dos alunos. "o aluno tem um papel ativo na construção de seu conhecimento em sala de aula, junto com o professor poderão construir atividades diversas e intelectualmente desafiadoras" (Barca, 2004).

No que tange a disciplina de história poderão analisar fontes históricas com diversas mensagens e cruzá-las na intenção de validá-las ou não; procurando entender situações humanas e sociais em diversas épocas; levantar questões e hipóteses; dentre outros.

Ao planejar suas atividades o professor levará em consideração algumas vertentes que para Barca (2004), são desejáveis atender:

trabalhar de forma diferenciada as ideias iniciais manifestadas pelos alunos; propor questões orientadas e problematizadoras; integrar tarefas em situações diversificadas e avaliar qualitativamente, em termos de progressão da aprendizagem, o nível conceitual dos alunos, em vários momentos das aulas.

São essas as referências que estamos utilizando na produção do material didático sobre as reformas do calçadão na cidade de Londrina. Buscaremos atender às necessidades pedagógicas do aluno e da escola em termos de construção de identidade histórica. Pois, “interpretar o passado não significa apenas compreender uma versão acabada da história que é produzida no manual ou pelo professor. A interpretação do contraditório, isto é, da convergência de mensagens, é um princípio que integra o conhecimento histórico genuíno”.

È por esse caminho que tal projeto prossegue.

Referencias Bibliográficas

BARCA, I. Aula Oficina: Do Projecto à avaliação. In: BARCA, I. (Org.). *Para uma Educação Histórica de Qualidade*. Organizadora, Isabel Barca. Actos dos IV jornadas internacionais de educação histórica centro de investigação em educação (CIED). Instituto de Educação e Psicologia Universidade do Minho, 2004. p. 131-144

COOPER, H. Aprendendo e ensinando sobre o passado a crianças de três a oito anos. *Educar Especial*, Curitiba: UFPR, 2006. p.171-190.

JANUZZI, D. de C. R. *Calçadas: a revitalização urbana e a valorização das estruturas comerciais em áreas centrais*. Doutorado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo: USP, 2006. 318 p.

_____. O desenvolvimento de Londrina e as transformações nos espaços públicos da região central. *Semina: Ciência Sociais e Humanas*. Londrina, v. 26, p. 87-94, 2006.

OLIVEIRA, S. R. F. de. História. In: CURITIBA, PR: Secretaria de Estado da Educação. *Ensino fundamental de nove anos: orientações pedagógicas para os anos iniciais*. 2010. p. 119-134.

YAMAKI, H. *Iconografia Londrinense*. Londrina: Humanidades, 2003.

_____. *Labirintos da Memória*. Londrina: Humanidades, 2006.

Reportagens:

A ideia não é criar uma nova Curitiba. *Folha de Londrina*, Londrina, 01 de jun. 1977. p. 24.

Centro de Londrina passara por total reurbanização. *Folha de Londrina*, 01 de jun. 1977. p. 24.

Mudanças da estrutura urbana. *Folha de Londrina*, 01 de jun. de 1977. p. 01